

OSMAN PERNAMBUCANO



ATRAVÉS DO ESPAÇO, VÊ-SE O HOMEM

THROUGH SPACE, YOU SEE THE MAN

Marcos Eduardo Lopes Rocha⁹³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo demonstrar como a relação entre Osman Lins e seu estado natal, Pernambuco, está refletida em toda sua obra ficcional. Entende-se que, por meio do espaço romanesco, o pernambucano representa os espaços reais em que viveu e que lhe constituíram como ser humano e escritor. Dessa forma, é possível que, por meio do espaço literário, Lins conte um pouco da sua história. No sentido de demonstrar a ideia, este artigo traça um paralelo entre vida e obra do escritor no que está relacionado ao estado de Pernambuco.

Palavras-chave: Osman Lins; Literatura e biografia; Espaço romanesco.

Abstract: This aims to show how the relation between Osman Lins and his home state, Pernambuco, is reflected in his entire fictional work. It is understood that, through romanesque space, the brazilian writer represents the real spaces in which he has lived and that has constituted him as human and writer. Thus, it is possible, through romanesque space, for Lins to tell a bit of his own story. In order to demonstrate this idea, this article draws a parallel between the life and work of the writer in what is related to the state of Pernambuco.

Key-words: Osman Lins. Pernambuco. Life and work. Space.

Introdução

A relação dos escritores com o espaço onde viveram reflete-se, por diversas vezes, nos espaços romanescos por eles criados. Na entrada sobre o espaço no *Dicionário de narratologia* (2002), Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes apontam que — para além de suas classificações como espaço social, espaço físico e espaço psicológico — uma particularidade do espaço como categoria narrativa é quando há a coincidência das

⁹³ Mestre em Literatura brasileira pela Universidade de Brasília. Membro do Grupo de Estudos Osmanianos da UnB.

ambientações⁹⁴ das narrativas com os lugares onde viveram os escritores que as escreveram. Dentre diversos exemplos, os escritores Eça de Queirós, Clarín, Machado de Assis, Charles Dickens, James Joyce eram conhecidos pela forte preferência em ambientar suas histórias nos espaços urbanos em que moraram por muitos anos, respectivamente Lisboa, Oviedo, Rio de Janeiro, Londres e Dublin⁹⁵. Intermediada pelos escritores, a relação entre espaços romanescos e cidades reais demonstra como muitas vezes quem escreve busca alçar lugares de suas memórias ao terreno da ficção.

Nessa direção, o pernambucano Osman Lins constrói uma obra em que as menções a seu estado natal são diversas e frequentes. Conforme discorro mais profundamente em minha dissertação de mestrado⁹⁶, ao longo de toda sua produção ficcional (romances e livros de contos), Osman Lins menciona, explícita ou implicitamente, o estado de Pernambuco. Dessa forma, o pernambucano sinaliza que, em seu projeto literário, há a aspiração de representação desse espaço que o constituiu como indivíduo e como escritor⁹⁷.

Para ir além da simples constatação de que Osman Lins escrevia Pernambuco em sua obra de ficção, este artigo pretende traçar um paralelo entre a biografia de Osman Lins (no que tange sua relação com as cidades pernambucanas) e sua obra (em relação à

⁹⁴ Toma-se, aqui, ambientação como um conceito distinto de espaço romanesco. Se, por um lado, o espaço romanesco é como este se apresenta no universo da diegese, a ambientação, por outro lado, é o processo de elaboração verbal feito pelo narrador da história após a observação do espaço.

⁹⁵ Até mesmo cidades completamente ficcionais como Macondo de *Cem anos de solidão* (1967), livro escrito por Gabriel García Márquez, se assemelha à cidade natal do escritor colombiano, chamada Aracataca, como se registra no documentário *Gabo: A criação de Gabriel García Márquez* (2015).

⁹⁶ ROCHA, Marcos Eduardo Lopes. *Separar, isolar, classificar o que no texto é uno: um narrador, nove espaços e nove tempos em o pássaro transparente*. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. p. 95- 106.

⁹⁷ Também em seu trabalho como crítico, Osman Lins demonstra seu interesse pela relação do espaço real na construção do espaço romanesco. *Lima Barreto e o espaço romanesco* é o título da tese de doutorado de Osman Lins, publicada em livro em 1976. Nesse trabalho, Osman Lins se aprofunda na teoria do espaço romanesco (um dos primeiros a fazê-lo no Brasil), aplicando os conceitos à obra de Lima Barreto. Para tal, Osman Lins descreve primeiramente a relação do escritor carioca com a cidade do Rio de Janeiro como pode ser visto no trecho a seguir. “Na triste manhã de Verão, um homem já alquebrado — os olhos pouco brilhantes e, mesmo assim, atentos — [Lima Barreto] observa, através de uma janela do Hospício Nacional dos Alienados, a Enseada de Botafogo brilhando sob o céu fuliginoso e baixo. Estamos em 1920 e o contemplador diante da janela, nascido e vivendo há quase 39 anos no Rio de Janeiro, sabe ser dia de São Sebastião” (LINS, 1976. p.15).

representação destas cidades). Dessa forma, pretende-se demonstrar que Osman Lins não somente escrevia o estado de Pernambuco em sua obra ficcional como também contava um pouco de sua própria história por meio do espaço romanesco. Para cumprir com a proposta, o desenvolvimento deste artigo, na sequência, estará dividido em três partes: primeiros dezessete anos em Vitória do Santo Antão e os três primeiros livros, os vinte e um anos em Recife e *Nove, novena*, um pernambucano em São Paulo e os últimos romances⁹⁸.

Os primeiros dezessete anos e os três primeiros livros

Em 1924, nasce Osman da Costa Lins na cidade de Vitória do Santo Antão⁹⁹. Com dezesseis dias de vida, Lins fica órfão da mãe biológica e é criado, de forma compartilhada, por sua avó, Joana Carolina, e sua tia, Laura, ambas do lado paterno¹⁰⁰. Após o quinto ano da morte da mãe biológica do menino, seu pai, alfaiate por profissão, se casa novamente e dá a Osman Lins quatro irmãos¹⁰¹. Em 1932 a 1936, ele fez o curso primário no Colégio Santo Antão. Nos anos seguintes, Osman Lins finaliza um curso de datilografia, um dos passos mais importantes para o começo de sua vida como escritor, e entra para o Ginásio de Vitória.

O pequeno Osman cresce sendo um menino introspectivo e inclinado à produção literária. Com oito anos, escreve seu primeiro poema, intitulado “Beduíno regenerado pela lua”. Nesse período, Laura e Joana Carolina moram na mesma rua, de

⁹⁸ Pode parecer contraditório incluir São Paulo em um trabalho sobre como a relação de Osman Lins com Pernambuco afetou sua literatura. O objetivo dessa decisão, no entanto, não é dar enfoque na cidade de São Paulo nem na biografia de Osman Lins lá. Pelo contrário, busca-se mostrar como, embora habitasse a cidade de São Paulo, Osman Lins ainda possuía forte ligação com seu estado natal.

⁹⁹ Os dados biográficos de Osman Lins apresentados neste texto foram retirados de *Osman Lins: uma biografia literária* (1988), de Regina Igel.

¹⁰⁰ As duas eram conhecidas por ele como mãe Noca e mãe Laura, respectivamente.

¹⁰¹ Em “Este que, real e infinitamente, sou no tempo?” (2010), texto publicado na Revista Cerrados, v. 23, n. 37, Elizabeth Hazin e Leny da Silva Gomes trazem o depoimento sobre a convivência com Osman Lins de uma das irmãs do escritor, chamada Maria de Lourdes Lins Strummiello. Osman Lins era visto por ela como uma pessoa carinhosa e determinada, sempre focado no seu sonho de ser escritor.

forma que Osman Lins transita da casa de uma para a da outra sem maiores complicações. Na casa de Laura, Osman Lins ouve de Antônio Figueiredo, o marido da tia, diversas histórias. Antônio Figueiredo é um tipo que, embora nunca tenha vindo a ser um grande leitor em vida, ama o ato de narrar. Por ser comerciante, o tio de Osman Lins viajava com frequência e voltava para casa com novos contos de suas experiências para além da cidade de Vitória do Santo Antão. Assim, Antônio Figueiredo se torna o primeiro motivador tanto da imaginação de Osman quanto de seu interesse pela narração.

Essa primeira relação de Osman Lins com o estado de Pernambuco vai ser sobremodo importante para a criação da ambientação de suas primeiras narrativas: *O visitante* (1955), *Os gestos* (1957) e *O fiel e a pedra* (1961). Em 1966, na ocasião do lançamento de *Nove, novena*, Osman Lins concede entrevista ao *Diário de Pernambuco*, intitulada "Nova visão do mundo, nova visão do tempo", em que afirma o seguinte:

Gostaria muito de estar presente ao seu lançamento [de *Nove, novena*] no Recife, mas não sei se isto será possível. Tenho um motivo especial para justificar este meu desejo. *Nove, novena* é o primeiro livro meu onde aparece o Recife. Em meus livros anteriores de ficção, era sempre minha cidade natal, mencionada ou não, que estava presente (LINS, 1979, p. 140).

Nessa citação, Osman Lins admite a inspiração em Vitória do Santo Antão para a construção dos espaços de suas primeiras narrativas. Em *O visitante*, além de o espaço ser perceptivelmente uma cidade do interior da região Nordeste brasileira, pode-se ainda afirmar que o trecho do romance tem base em uma memória pessoal de Lins. Ao longo da pesquisa para a escrita deste artigo, confirmou-se que a trama de *O visitante* havia sido inspirada em um evento real ocorrido em Vitória do Santo Antão. Ao escolher narrar a história de uma professora do primário, Celina, que engravida de Artur, pai de um aluno, na circunstância em que o homem era casado com outra mulher, Osman Lins faz emergir, além de sutis aspectos físicos da cidade de Vitória, diversos temas comuns à vida de quem morava no interior de Pernambuco nos anos 1920/1930. Dentre as marcas culturais locais da época, há a hipocrisia da família tradicional que, no caso do romance, é nucleada por um homem, conservador nas aparências, mas adúltero e manipulador na

vida íntima. Artur, embora seja cristão, impele a amante a cometer um aborto para que seu casamento não seja arruinado. Nessa direção, a trama de *O visitante* expõe como essas estruturas familiares tradicionais tendem a vitimar as figuras femininas¹⁰².

Por sua vez, em *Os gestos*, coletânea de contos, são perceptíveis em diversas narrativas cenários, costumes, brincadeiras comuns a cidades interioranas no molde de Vitória do Santo Antão. No conto homônimo ao livro, menciona-se a paisagem tranquila de uma janela aberta para um quintal onde se vê a luz da manhã vinda do céu nublado e se ouve o farfalhar das folhas de uma mangueira agitadas pelo vento. Nessa paisagem, uma mulher grita para que tirem os lençóis do varal, prevendo a queda da chuva. Então, o temporal cai deixando um rastro de melancolia tal qual no conto “Lembrança”. Nesta narrativa, um homem adulto se lembra de um dia chuvoso e melancólico em sua infância, quando não pode sair de casa para brincar na rua como de costume. Da janela, via o muro do quintal de casa em que trepavam os ramos da graviola da casa da vizinha. Diversas plantas cultivavam-se no quintal ao lado: “um pé de maracujá enleava-se, viçoso, numa pinheira antiga, margaridas, violetas, lírios e não sei mais que flores, plantadas em panelas de barro, latas enferrujadas e caçarolas sem asas” (LINS, 1975, p. 148). Quando criança, o narrador gostava de brincar de baladeira e atirava pedras em árvores e bichos. A referência a esse brinquedo habitual para crianças dos interiores brasileiros não ocorre pela primeira vez em “Lembrança”. “Só pensava em você trepando em árvores, jogando bola, atirando baladeira” (LINS, 1975, p. 25), diz à amiga de infância o protagonista de “Reencontro”. Por meio desses elementos, Osman Lins vai se remetendo à Vitória do Santo Antão em *Os gestos* sem mencioná-la diretamente. Reportam-se um brinquedo de criança, uma paisagem ou uma memória pessoal.

Dentre os casos de memórias pessoais de Osman Lins em *Os gestos*, há o conto “A partida” em que se narra a melancolia de uma despedida. Em um tempo posterior ao fato narrado, o narrador pensa no quanto amadureceu desde que se mudou da

¹⁰² No romance seguinte a *O visitante*, Diva Aparecida Machado Olanda e Maria Geralda de Almeida afirmam que as mulheres “são marcadamente submissas e sem expressão nas suas relações com os maridos ou na sociedade. Relações fundadas numa sociedade machista, patriarcalista historicamente enraizada no Brasil, em geral, no Nordeste brasileiro, em particular” (2007, p.150).

casa de sua avó. Com dezessete anos de idade, Osman Lins sai da casa de Joana Carolina em Vitória do Santo Antão e vai morar na capital, Recife. “A partida” é uma narrativa centrada na memória do dia em que se deu essa separação. Além de transformar em literatura um momento marcante para sua vida, Osman Lins também aborda a questão da migração rural urbana, ainda comum nos dias de hoje para jovens habitantes das cidades do interior do Brasil que buscam cursar o ensino superior.

Até este momento, todas essas menções à cidade de Vitória de Santo Antão na obra osmaniana são sutis se comparadas à forma explícita como este município surge em *O fiel e a pedra*. O local que ambienta o confronto das personagens principais do romance, Bernardo e Nestor, é chamada cidade de Vitória, cujas descrições possuem características sócio-políticas específicas da cidade natal de Osman Lins. Sobre esse tema, foi escrito artigo intitulado “Uma visão geográfica em “O fiel e a pedra” de Osman Lins” (2007) pelas autoras Olanda e Almeida. No texto, as pesquisadoras se debruçam sobre a representação da cidade de Vitória do Santo Antão no segundo romance de Lins à luz da geografia. Segundo Olanda e Almeida, por um lado, a literatura pode apresentar os aspectos da geografia física de um espaço. Por outro lado, pode manifestar os aspectos da geografia sociopolítica, ou seja, os costumes e as interações de um povo no espaço geográfico e com este.

Em *O fiel e a pedra*, há menções ao espaço físico da cidade de Vitória tanto em seu contexto urbano quanto no contexto rural.

O cenário urbano aparece através da indicação dos nomes de ruas importantes: a Estrada de Ferro com as manobras e apitos do trem, a movimentação e o barulho na Estrada Nova, a rua dos Sapos, localização da estalagem onde Antônio Chá se instalou. É na rua do Comércio que se encontra a loja de tecidos de Geraldo Alonso; na rua do Barateiro situa-se o armazém de Miguel Benício. A rua do Meio é o local de passeio de Ascânio e o amigo Otacílio. [...] O cenário rural é composto pelas terras, plantações, criações, a casa grande e o engenho de produção de açúcar da fazenda do Surrão. (OLANDA; ALMEIDA, 2007, p. 151)

Outrossim, existem no romance alusões a memórias e pessoas que Lins conheceu nesses primeiros dezessete anos de vida. As personagens Bernardo e Teresa são inspiradas em Antônio Figueiredo e Laura. Além disso, encontra-se em *O fiel e a pedra* uma descrição das relações hierárquicas entre pessoas de diferentes classes econômicas, de forma a desvelar aspectos da geografia sócio-política de Vitória de Santo Antão. Olanda e Almeida apontam que, no topo da hierarquia, estão os políticos, representados pela figura de Agripa Coutinho, e os grandes proprietários de terra, descritos por meio das personagens Nestor, Celestino, Gumercindo e Geraldo. Em *O fiel e a pedra*, ocorre a primeira menção na obra osmaniana aos engenhos de açúcar em Pernambuco. Como será visto adiante, esse tema será recorrente nas narrativas de Osman Lins. Abaixo na hierarquia, situam-se os trabalhadores — comerciários, advogados e agregados rurais —, retratados pelos personagens Bindinho, Ramalho, Teles de Sá e Bernardo. “Por fim, na base da organização social, encontram-se os que foram denominados ‘marginalizados’, simbolizados pelas personagens Cozilião e Xenofonte” (OLANDA, 2007, p. 150). Essas personagens são jagunços que “revelam uma situação de semi-escavidão, sob império do coronel” (OLANDA, 2007, p. 150). Assim, fecha-se o primeiro ciclo de espelhamentos entre vida e obra de Osman Lins no que se refere a suas experiências em Vitória do Santo Antão.

Vinte e um Anos em Recife e *Nove, Novena*

Acolhido por Álvaro Lins nos primeiros meses de sua mudança, Osman Lins instala-se em Recife em 1941. Pouco depois, o jovem consegue seu primeiro emprego na secretaria do Ginásio de Recife, escola onde trabalhava o tio Álvaro. No mesmo ano, movido pelo objetivo de tornar-se escritor, Lins publica seus dois primeiros contos, intitulados “Menino mau” e “Fantasmas”. A mudança para Recife — cidade onde Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector já haviam morado — foi uma importante propulsora para a carreira do escritor e também para sua formação acadêmica. Emancipado financeiramente pelo emprego na secretaria, Osman Lins dá seguimento a sua formação em 1944 quando ingressa na Faculdade de Ciências Econômicas da

Universidade do Recife. No ano anterior, já vivia em pensões no centro da cidade quando presta concurso para o Banco do Brasil e assume o cargo de bancário na agência do Recife Antigo.

Estabilizado, mais uma vez Osman Lins volta-se à produção literária e publica dois outros contos, “E onde os castelos?” e “Rei Mindinho”. No ano de 1945, o pernambucano começa a escrever um romance, projeto que duraria quatro anos sem nunca levar a uma publicação efetiva. O objetivo era somente exercitar a escrita. Com vinte e três anos, o jovem casa-se com Maria do Carmo e, juntos, têm três filhas: Litânia, Letícia e Ângela, nascidas nos anos 1948, 1950 e 1953 respectivamente. Além da constituição da família, Osman Lins vive ainda outras diversas experiências marcantes em Recife como trabalhar de radialista e ver publicado seu primeiro romance, pelo qual recebe o prêmio Fábio Prado em 1954. É somente em 1961, após a publicação de *O fiel e a pedra*, que Lins se muda para a cidade de São Paulo. Esses vinte e um anos que o pernambucano residiu na capital do estado estão refletidos pela primeira vez em *Nove, novena*. Ainda na entrevista intitulada “Nova visão do mundo, nova visão do tempo”, Osman Lins afirma:

Com o *Nove, novena*, surgem, pela primeira vez, as cidades de Recife e de Olinda. Há também um dos trabalhos, cuja ação decorre simultaneamente em três cidades mineiras: Congonhas, Ouro Preto e Tiradentes. Explica-se a presença, no livro, dessas cidades ornamentais: trata-se de um livro deliberadamente ornamental. Olho hoje com desconfiança para a literatura despojada (LINS, 1979, p.140).

Nesse trecho da entrevista, Osman Lins associa as cidades de Recife e Olinda ao seu interesse em criar uma literatura ornamental. Essas cidades surgem na literatura osmaniana como um tipo de ornamento. Entende-se que o ornamento, na visão particular de Lins, tem muito a ver com a questão espacial, e a questão espacial — além de trazer as referências físicas do espaço dessas cidades, como as igrejas, as fortificações, as praças, os jardins — também envolve os aspectos sócio-políticos como dito no segmento anterior. Então, entram no ornato não somente a arquitetura dessas cidades pernambucanas como também sua história, sua política e sua cultura. Em *Nove, novena*, a começar por “O pássaro transparente”, apresenta-se um enredo de um menino/homem nascido em uma

cidade de interior, que se julga ser inspirada em Vitória do Santo Antão como sugere Lins na entrevista citada: as pequenas cidades de interior eram “sempre minha cidade natal, mencionada ou não” (LINS, 1979, p.140). Esse homem transita entre sua cidade e Recife, onde encontra sua ex-namorada, a artista que viajará para a Europa para expor seus quadros. Há nessas duas personagens não apenas um reflexo da biografia de Lins¹⁰³ como também há na narrativa referências físicas à cidade de Recife: lá “tem aeroporto, zoológico, biblioteca pública, muitos cinemas, bondes, rio atravessando a cidade, prédios de muitos andares” e “existem jardins públicos, cheios de banquinhos” (LINS, 1994, p. 16). Por sua vez, verifica-se igualmente menções às questões políticas do estado de Pernambuco, como no trecho em que o homem diz “este engenho, como os outros que vejo no caminho, parece eterno” (LINS, 1994, p. 10). A imagem de um engenho que parece eterno condensa muito da história do Estado de Pernambuco, onde, desde as primeiras décadas da colonização portuguesa no século XVI, a economia se baseia no engenho de açúcar. Além da menção a este sistema de exploração da terra em *O fiel e a pedra*, a questão dos engenhos de açúcar em Pernambuco aparecerá em uma das linhas temáticas em *Avalovara*.

Em “Um ponto no círculo”, por sua vez, a personagem principal representada por um □, é um tocador de oboé que, para ganhar dinheiro, toca saxofone de nove e meia às quatro da manhã no bairro do Recife, onde se situava a agência do Banco do Brasil em que Osman Lins trabalhava. De noite, a personagem faz uma caminhada do Recife Antigo ao bairro da Boa Vista, onde Osman morou. Ao que se pode encontrar até o momento, Osman Lins morou nestas duas distintas ruas no bairro da Boa Vista: na rua das Ninfas e

¹⁰³ O homem, casado e com três filhos, assemelha-se a um lado da vida de Osman em Recife. Preso à vida burocrática como Lins estava preso ao banco, o homem vê na vida da ex-namorada realizarem-se seus sonhos de ser artista. Ela domina as próprias mãos, a fim de confeccionar quadros que serão expostos em uma galeria na Espanha. Em 1960, Osman Lins escreve uma redação em francês e, a mérito disto, ganha uma bolsa de estudos de seis meses na *Alliance Française* de Paris. Nesse sentido, ambos homem e artista de “O pássaro transparente” refletem uma parte das memórias de Osman Lins em Recife.

na Rua da União¹⁰⁴. Esse trajeto trabalho-casa feito por Osman foi literalizado na seguinte passagem narrada por □:

Pela madrugada, saio do trabalho, lanço um olhar sobre o antigo bairro do Recife, onde ficavam outrora as fortificações, o arsenal da marinha e o comércio em grosso, evoco o porte e a brancura das construções fazendárias, atravesso a ponte Maurício de Nassau, refresco os beijos no ar que sobe do Capibaribe, cruzo a rua Nova, a ponte da Boa Vista, a Rua da Imperatriz, pisando o calçamento que era feito com granito vermelho ou seixos azulados da praia (LINS, 1994, p.23).

Em *Nove, novena*, também aparecem, pela primeira vez, outras menções a cidades do estado de Pernambuco, como a cidade de Goiana, mencionada em “Pentágono de Hahn” — “eu aqui em Goiana” (LINS, 1994, p.30), diz um dos narradores — e em “Pastoral” — “ali está, sentado, a boca aberta, ouvindo os numerosos sinos de Goiana” (LINS, 1994, p. 137), narra Baltasar, personagem em que se centra o trecho desta narrativa. Outro exemplo é “Noivado”, cuja ambientação se dá em Olinda, cidade ainda dentro da região metropolitana do estado de Pernambuco. Giselda e Mendonça, casal de noivos, começam a narração juntos e ambientam a cena: estão sós “no centro do triângulo torto em cujos vértices ficam o Seminário, a praça da Abolição e o Convento dos Franciscanos” (LINS, 1994, p. 151) de onde se vê o latejar do Farol. Todas essas são famosas localidades da cidade de Olinda.

No entanto, é na narrativa que segue “Noivado” em que ocorre uma referência interessante à cidade de Recife. “Perdidos e achados” é um conto parcialmente ambientado na praia de Boa Viagem, onde Osman Lins costumava levar suas filhas. Em um 7 de setembro, Osman Lins participou de um picnic organizado pelo Banco do Brasil, ao lado de colegas de trabalho, tendo um deles levado seu filho pequeno. O desespero desse colega quando percebe que o filho sumiu na praia inspira a trama de “Perdidos e achados”. Embora o desfecho do episódio na vida real tenha sido mais feliz que o da

¹⁰⁴ Pelo tempo em que residiu na capital do estado, pode-se imaginar que Osman Lins tenha morado em várias ruas distintas, no entanto são essas duas as que foram possíveis de se confirmar para a escrita deste texto.

ficção (o filho do amigo de Lins é encontrado com vida), vê-se como Osman Lins se apropriou de suas memórias em Recife para a escrita de *Nove, novena*. Em “Perdidos e achados”, ao encontrarem a criança sem vida, o coro de recifenses narra: “Nós, que tanto perdemos, cercamos este menino. Nós, que tanto buscamos, achamos este morto, vítima do mar numa cidade conquistada ao mar” (LINS, 1994, p. 195). Assim, Osman Lins transforma em literatura a luta recorrente do recifense contra as águas que o cercam¹⁰⁵. Na anteriormente citada entrevista “Nova visão do mundo, nova visão do tempo”, Lins afirma:

Tento captar o que há de terrível em sua condição de cidade aquática, de cidade sempre ameaçada pelas águas. O Recife aparece como símbolo da precária segurança humana, cercada — permita-me a imagem — pelas águas do imprevisto. Há, num dos seus trabalhos, o que eu chamo o “coro dos recifenses”, onde se fala da nossa condição, expostos que somos, continuamente, à arremetida das águas. Aliás, causou-me uma impressão estranha ver os enormes cabeçalhos, dos jornais paulistas, noticiando as grandes cheias deste ano no Recife, pouco tempo depois de eu haver escrito sobre as relações nem sempre amáveis que existem entre o Recife e as águas. Já observou a quantidade de nomes aquáticos que encontramos aqui? Veja alguns: Águas Compridas, Água Fria, Poço, Afogados, Peixinhos, Parnamirim, que quer dizer rio pequeno, Jiquiá, que significa cesto de pescar, Iputinga (lugar da fonte clara) etc. São muitos. O recifense vive à beira de ser peixe. (LINS, 1979, p. 141).

Em “Perdidos e achados”, um dos trechos a que Osman Lins se refere na entrevista mostra-se nas seguintes palavras:

Para fugir de ser peixe, sobre os deltas vamos construindo, de cimento, de aço, de madeira, um sistema de pontes: Maurício de Nassau, Santa Isabel, Velha, Giratória, Buarque de Macedo, Boa Vista, do Pina, do Limoeiro, Derby, Madalena, Lasserre, Torre, Caxangá, as dez sobre o canal, e tantas outras sem nome nem duração, rompidas pelo tempo, levadas pelas cheias juntamente com árvores e bichos, portas e mobílias, telhados e defuntos, pedaços de nós todos. (LINS, 1979, p. 197).

¹⁰⁵ Nos dias de hoje, Recife possui diversos mecanismos de controle das enchentes, por isso os recifenses gozam de uma segurança muito maior que a de quando Osman Lins viveu na cidade.

A topografia de Recife — por a cidade ter sido erguida sobre um mangue — faz com que cerca de 10% de sua área seja alagadiça. Por isso, a imagem de pessoas anfíbias pode ser vista, para além de Osman Lins, no movimento cultural do *manguebeat*, criado por Chico Science. Tendo como base a obra de Josué de Castro, geógrafo pernambucano e contemporâneo de Osman Lins, o *manguebeat* mistura ritmos tradicionais locais, como o Maracatu, ao rock. O livro de referência para o movimento é *Homens e caranguejos*, único romance publicado por Castro. O livro foi publicado um ano após o lançamento de *Nove, novena* em 1967 e mostra que, apesar de não poder se comprovar o contato entre Lins e Castro, Osman já via o mangue como uma característica não somente geográfica como também cultural da cidade de Recife. Por fim, encerra-se esta sequência de relações entre os anos de Lins em Recife e seu segundo volume de contos.

Um pernambucano em São Paulo e os últimos Romances

Depois da viagem para a Europa, que seria um marco na de Osman Lins e na sua obra, o escritor pernambucano decide se mudar para São Paulo. Movido principalmente pelo mercado editorial, o maior do país, Osman Lins, junto com a mulher e as filhas, se estabelece na capital paulistana em 1962. No entanto, já no ano seguinte, Maria do Carmo e as filhas voltam para Pernambuco, devido à separação entre ela e Osman Lins. Embora sua estada em São Paulo fosse render ainda diversos frutos nos anos que se seguiram, a presença das filhas foi uma das privações que Lins passou nesta cidade, exceto as poucas vezes em que pode pagar para que elas fossem visitá-lo. Por isso, além de suas memórias em Pernambuco, outra ligação importante com o estado natal era mantida por Lins: sua família. Na foto apresentada na folha de rosto, pode-se ver Osman Lins, já na fase madura de sua vida, aproveitando o carnaval na cidade de Vitória de Santo Antão.

Na literatura osmaniana, a partir dos romances *Avalovara* e *A rainha dos cárceres da Grécia*, os personagens centrais — Abel e o Professor — são pernambucanos que moram em São Paulo. Em *Avalovara*, a linha T é integralmente dedicada aos eventos

que ocorreram na vida de Abel durante o período em que este morava em Pernambuco, na cidade de Olinda. É nessa linha que Abel narra sua relação com Cecília, moradora da cidade de Recife. Cheguei a escrever em minha dissertação sobre os componentes físicos do espaço relativo a Pernambuco na linha T de *Avalovara*.

Abel, personagem escritor em que se centra a intriga de *Avalovara*, aparece com dezesseis anos na Praia dos Milagres, de onde vê o Farol e as luzes de Olinda refletidas em sua pele. Nesta linha, começa a se desenrolar o relacionamento de Abel com Cecília, personagem hermafrodita cujo corpo é habitado por pessoas do povo. A ambientação desta linha é toda nas cidades de Recife e Olinda. Personagens ligadas à Cecília, Hermelinda e Hermenilda moram no bairro de Casa Forte e, por sua vez, a jovem trabalha no Hospital Pedro II, situado na Rua dos Coelho, no bairro da Boa Vista, sendo todas estas menções a lugares de Recife. Em maior proporção, é sob os passos de Abel que se encontra uma enorme quantidade de ruas e lugares da capital pernambucana e da cidade de Olinda. Em lista, seguem algumas das menções presentes na linha T às duas cidades, referente ao caminhar de Abel pelas ruas: o Palácio Arquiepiscopal, a rua Direita e a rua das Calçadas, o Museu do Estado, a praça do Mercado São José, a Igreja Matriz de Santo Antônio, a avenida Rio Branco, a Ponte Buarque de Macedo, o Cais do Apolo, a rua da Guia, a praça do Arsenal da Marinha, a praça da República, os jardins do Governo, a Casa da Guarda, a rua do Pombal, a avenida Cruz de Cabugá, os rios Capibaribe e Beberibe, o Hospital de Santo Amaro, a Escola de Aprendizes Marinheiros, a Fábrica da Tacaruna e a Capela Dourada.

São numerosas as passagens em *Avalovara* que se referem a lugares reais em Recife e em Olinda. No entanto, não há somente referências ao espaço físico do estado de Pernambuco. Nas seguintes passagens da linha T, Abel reflete sobre a questão dos engenhos de açúcar no estado:

(...) eu que insisto no hábito ou na deformação de pesar, sempre, todos os lados das questões, achando que só assim posso chegar a uma conclusão não muito distorcida. As condições de vida dos cassacos nos canaviais são desumanas? Logo me vem que os senhores de terra do Nordeste nunca poderiam pensar e atuar de maneira diferente (...). Mas ninguém que eu conheça tem a chave de nada, ninguém, ou sabe para

onde vai: que rumo tomar e o que fazer de si. Um sistema de vida desgastado e que não serve mais? Talvez. Eu, pelo menos, olho em redor e não descubro uma corrente forte, viva, onde me atirar com alma e tudo, de uma vez sem hesitação. Na zona canavieira há qualquer coisa de novo e que de certo modo me interessa: essas ocupações de terra e até esses incêndios. O objetivo é abalar e, quem sabe, eliminar de uma vez certos esquemas que já duraram muito.

A revolta nos engenhos talvez seja hoje, no Brasil, o único movimento que não constitui diversão e improvisação. Mas, por certas razões íntimas de que, para ser franco, desconfio, nem sequer em espírito eu participo dessa luta. Além disto, não sou homem de agir, no sentido comum da palavra (LINS, 2005b, p.162-165).

Não é uma preocupação apenas de Abel a questão dos engenhos de açúcar. Júlia Marquezim Enone, com quem o Professor que escreve o diário em *A rainha dos cárceres da Grécia* manteve uma relação amorosa, participava das ligas camponesas pela reforma agrária e pelo combate às desigualdades sociais. Pernambucana de nascença, Julia reside em São Paulo, onde morre atropelada por um caminhão na Av. Paulista. Antes de morrer, Julia escreve um livro, homônimo ao de Lins, cuja personagem principal é Maria de França, filha de lavradores, que, após a morte do pai, migra do campo para a cidade de Recife com a família. Anos depois, Maria de França vive uma saga nos corredores do antigo INPS, situado no bairro de Santo Antônio, para conseguir se aposentar por invalidez. Anteriormente, ela é acometida de seu primeiro surto de loucura e é internada no Hospital de Alienados no bairro da Tamarineira. Por isso, vê, em suas alucinações, pássaros gigantes que a atormentam enquanto se locomove pelas ruas de Recife. São muitas as referências a locais reais de Recife em *A rainha dos cárceres* e incluem a favela do Coque — a qual, hoje em dia, tem um aspecto diferente daquele descrito pelo Professor em que as casas eram erguidas sobre um mangue aterrado em lixo — e diversas ruas importantes da cidade — como a Martins de Barros, a Rosa e Silva e a rua do Riachuelo. Entretanto, o aspecto mais interessante da representação do estado de Pernambuco em *A rainha dos cárceres da Grécia* é a fusão das cidades de Recife e Olinda ocorrida nas alucinações de Maria de França:

Não foi ainda possível revelar o verdadeiro espaço da história, na verdade um Recife que não nega o Recife real e também não se limita ao modelo: enrugado e encanta-o. É como se a cidade se transformasse no seu próprio mapa, de tal modo flexível que se pudesse dobrar, sem com isto perder o volume: continuasse habitável (LINS, 2005b, p. 117-18).

Quem conhece o Recife achará absurdo que uma personagem venha pelo Cais de Santa Rita, dobre à direita, passe pela Estação Central e atravesse a ponte Santa Isabel; que no fim da Rua da Concórdia surja a Praça da República; ou mais ainda que Maria de França, indo pela Rua da Aurora, ao lado do rio, enverede pelo Beco das Cortesias ou observe o Seminário, situados em Olinda. Como se não bastasse converter o Recife numa estrutura móvel, que se desconjunta e sem cessar reordena-se, Julia M. Enone remove a cidade de Olinda, anula os seis quilômetros que a distanciam do Recife e faz com que ela invada a capital, trespassasse-a (LINS, 2005b, p.118).

É oportuno terminar este segmento com essas citações de *A rainha dos cárceres da Grécia*, uma vez que a avaliação que o Professor faz da cidade de Recife no livro de Julia é como Pernambuco aparece na obra de Osman Lins. O estado fictício das narrativas osmanianas não nega o Pernambuco real, mas como que o torna um lugar mágico à luz da poesia. Outrossim, a apropriação que Julia M. Enone faz de suas experiências pessoais em Pernambuco para sua criação literária é como ocorre também no processo criativo de Lins. Motivado pelas questões físicas e sociopolíticas do estado natal, Lins confecciona uma visão de mundo e uma visão sobre a literatura. Dessa forma, conclui-se o desenvolvimento deste artigo.

Considerações finais

Para o grupo de escritores do qual Osman Lins faz parte, a experiência pessoal em cidades reais é a base para a ambientação de muitas de suas narrativas ficcionais. Nesse sentido, o estado de Pernambuco permeia as tramas escritas por Osman Lins. Além de todos os seus livros de ficção abarcados neste artigo, ainda se poderia citar diversos outros exemplos. Os dois relatos de viagens escritos por Lins — *Marinheiro de primeira viagem* (1963) e *La Paz existe?* (1977), escrito a quatro mãos com Julieta de Godoy Ladeira —

fazem menções ao estado de Pernambuco mesmo que suas histórias se passem na Europa e Bolívia respectivamente. Em *Imprevistos de arribação* (2019), coletânea de artigos de Osman Lins publicados em jornais recifenses, são abordados diversos textos cuja temática é a cidade natal do escritor. Por fim, o romance *Cabeça levada em triunfo*, inacabado devido à morte precoce de Lins, se passaria na cidade de Palmares, PE. Antes de morrer, Osman Lins chegou a planejar e executar uma viagem para essa cidade a fim coletar informações para o romance.

Esses casos reafirmam o vínculo ao longo dos anos que Osman Lins manteve com seu estado natal. Pernambuco, além de ser um ornato em suas narrativas, é também uma forma de o escritor contar um pouco de sua história pessoal, como vimos ao longo deste texto. Nesse sentido, Othman Pamuk — escritor turco que integra igualmente o grupo de escritores que ambientam suas narrativas nas cidades em que nasceram — diz que “eu descrevo Istambul quando me descrevo, e como me descrevo quando descrevo a cidade” (PAMUK, 2007, p. 308). No caso de Pamuk, a cidade ficcionalizada é a capital da Turquia no romance intitulado *Istambul: memória e cidade* (2007). Pelo ângulo do escritor, há uma intersecção entre indivíduo e espaço, de forma que, na literatura, um pode evocar o outro. Assim, parece pensar Lins quando traz Pernambuco em suas obras.

Nascido em Pernambuco, Osman Lins carrega um pouco da história do estado e, na história de Lins, há Pernambuco. Por isso, as diversas aparições do estado nordestino têm dupla função, espacial e biográfica. Com essa reflexão, encerra-se esse entrecruzamento entre vida e obra de Osman Lins.

REFERÊNCIAS

IGEL, Regina. Osman Lins: uma biografia literária. São Paulo: Editora T.A. Queiroz, 1988.

LINS, Osman. *A rainha dos cárceres da Grécia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

_____. *Avalovara*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005b.

- _____. *Nove, novena: narrativas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Os gestos*. 2 ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1975.
- _____. *O fiel e a pedra*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- _____. *O visitante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- _____. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- _____. *Evangelho na taba*. São Paulo: Summus, 1979.
- _____; GODOY, Julieta. *La paz existe?*. São Paulo: Summus, 1977.
- _____. *Marinheiro de primeira viagem*. São Paulo: Summus, 1980.
- _____. “Original de obra” ou “A cabeça levada em triunfo” romance (inacabado) de Osman Lins. IEB-USP, Fundo Osman Lins, OL-LIT-CL007.
- _____. Imprevistos de arribação: publicações de Osman Lins nos jornais recifenses. Volume 1 e Volume 2. Organizadores: ANDRADE, Ana Luiza; MOREIRA, Cristiano; DIAS, Rafael. 1 ed. Navegantes, SC: Papaterra, 2019.
- OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. “Uma visão geográfica em *O fiel e a pedra*”. *Sociedade & Natureza*, vol. 19, núm. 1, junho, 2007, pp. 143-156.
- PAMUK, Orhan. *Istambul – memória e cidade*. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Diccionario de Narratología*. 2 Ed. Tradução de Ángel Marcos de Dios. Espanha: Ediciones Almar, 2002.
- ROCHA, Marcos Eduardo Lopes. “Separar, isolar, classificar o que no texto é uno: um narrador, nove espaços e nove tempos em o pássaro transparente”. 2019. 167 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) —Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- WESBTER, Justin (director). *Gabo, la creación de Gabriel García Márquez* (Documental biográfico). Colombia, JWProductions, Ronachan Films, 2015.